



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

Thais Victoria Curcino de Abreu

**COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA: O USO NO
ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO COM
AUTISTAS NÃO VERBAIS**

Orientador(a): Prof. Dr^a. Thereza Sophia Jácome Pires

João Pessoa
2024

THAIS VICTORIA CURCINO DE ABREU

**COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA: O USO NO
ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO COM
AUTISTAS NÃO VERBAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

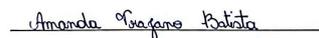
Orientador(a): Prof^a. Dra. Thereza Sophia Jácome Pires

Aprovado em: 18 / 10 / 2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dra. Thereza Sophia Jácome Pires (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba



Prof.^a Dra. Amanda Trajano Batista (Membro)

Universidade Federal da Paraíba

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A162c Abreu, Thais Victoria Curcino de.
Comunicação alternativa: o uso no atendimento
psicopedagógico clínico com autistas não verbais /
Thais Victoria Curcino de Abreu. - João Pessoa, 2024.
23 f. : il.

Orientação: Thereza Sophia Jácome Pires.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicopedagogia) - UFPB/CE.

1. Comunicação alternativa. 2. Autismo. 3. Autista
não verbal. 4. Psicopedagogo clínico. I. Pires, Thereza
Sophia Jácome. II. Título.

UFPB/CE CDU 616.896(043.2)

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento conceituado por déficits na comunicação, interação social e comportamental. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar como se efetua a comunicação entre o psicopedagogo clínico e a criança autista não verbal durante a terapia psicopedagógica. Além disso, buscou identificar quais os principais recursos de comunicação alternativa são utilizados durante o atendimento psicopedagógico, bem como apresentar a opinião de psicopedagogos clínicos sobre o uso da CAA em seus atendimentos clínicos com autistas não verbais. Trata-se de um estudo descritivo, de natureza qualitativa, tendo como classificação um estudo de campo através de um questionário semiestruturado no Google Forms, o questionário foi aplicado com 20 psicopedagogos clínicos que atendem crianças autistas não verbais. Dentre os principais resultados identificou-se os benefícios no desenvolvimento das crianças autistas não verbais que fazem uso da CAA e a necessidade de capacitação por parte dos profissionais.

Palavras-chave: Comunicação alternativa; Autismo; Autista Não verbal; Psicopedagogo clínico.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is defined as a neurodevelopmental disorder characterized by deficits in communication, social interaction, and behavior. The primary objective of this study is to analyze how communication occurs between the clinical psychopedagogue and the non-verbal autistic child during psychopedagogical therapy. Additionally, it seeks to identify the main alternative communication resources used during psychopedagogical sessions, as well as to present the opinions of clinical psychopedagogues on the use of AAC in their clinical work with non-verbal autistics. This is a descriptive study of a qualitative nature, classified as a field study, carried out using a semi-structured questionnaire on Google Forms, applied to 20 clinical psychopedagogues who work with non-verbal autistic children. Among the main results, the benefits in the development of non-verbal autistic children who use AAC were identified, along with the need for professional training.

Keywords: Alternative communication; Autism; Non-verbal autistic; Clinical psychopedagogue

1. INTRODUÇÃO

O transtorno do Espectro Autista (TEA), consoante ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR, 2023), refere-se a um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits na comunicação, interação social e no comportamento.

Ainda, o DSM-5-TR (2023), traz os níveis de suporte, que consistem em: 1. pouco apoio, 2. apoio substancial, 3. apoio muito substancial: estes descritores são utilizados para explicar a sintomatologia, e o nível de intensidade da dificuldade comportamental e na comunicação social.

De acordo com as estatísticas do CDC (Center of Diseases Control and Prevention), estima-se que no Brasil existam cerca de 2 milhões de autistas. No contexto mundial, considera-se que cerca de 25% a 35% dos autistas são considerados não verbais.

Nessa perspectiva, a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) traz oportunidades sociocomunicativas para crianças com TEA (Nunes; Barbosa; Nunes, 2021). Como sustenta Bovério (2018) a comunicação é importante pois cumpre uma função social de partilha e transferência de informações entre indivíduos, sendo um processo de participação em diversos campos do saber.

Parafraseando Nunes *et. al* (2021), o processo de ensino e aprendizagem das crianças dentro do espectro tem sido um desafio para pais, educadores e demais profissionais, levando em consideração a necessidade de intervenções multidisciplinares e que contemple as dificuldades apresentadas, entre elas, a comunicação.

Nesse sentido, os instrumentos de Comunicação Alternativa e Ampliada, através do uso da linguagem visual, sonora e/ou verbal, são aliados no processo de interação de pessoas com déficit na linguagem oral, facilitando e promovendo a comunicação entre o indivíduo e a aprendizagem (Bersch; Schiermer, 2005).

Freitas (2012) defende que os avanços na comunicação e na interatividade, bem como na aprendizagem, depende de vários aspectos, entre eles a participação do mediador e dos aspectos envolvidos na mediação. Dessa forma, a psicopedagogia é um campo que estuda o desenvolvimento da aprendizagem e suas dificuldades. Logo, o psicopedagogo torna-se o mediador neste processo.

Dessarte, é imprescindível que o psicopedagogo estabeleça um meio comunicativo com o aprendente que seja não verbal, durante as sessões de terapia clínica. Com o objetivo de que exista a possibilidade de expressão com significância e sentido, promovendo novos percursos para que ocorra o desenvolvimento e aprimoramento das potencialidades na aprendizagem.

O presente trabalho é norteado pelo problema de pesquisa: quais instrumentos de Comunicação Alternativa são utilizados na terapia psicopedagógica clínica com autistas não verbais? Com a justificativa de que é fundamental que seja estabelecido um meio comunicativo entre psicopedagogo e paciente, com o intuito de que a intervenção clínica possibilite uma melhor qualidade ao tratamento psicopedagógico de crianças autistas não verbais.

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar como se efetua a comunicação entre psicopedagogos clínicos e crianças autistas não verbais durante a terapia psicopedagógica. Além disso, (1) busca se identificar quais os principais recursos de comunicação alternativa são utilizados durante o atendimento psicopedagógico, bem como (2) apresentar a percepção dos psicopedagogos clínicos sobre o uso da CAA em seus atendimentos com autistas não verbais.

2. AUTISTAS NÃO VERBAIS

De acordo com DSM-5-TR (2023), o transtorno do espectro autista é um transtorno do neurodesenvolvimento que pode ser percebido durante os primeiros meses de vida, e ainda durante a primeira infância pode ser estabelecido o diagnóstico.

Os sintomas mais perceptíveis são o atraso na linguagem, a ausência ou dificuldade na interação social, comportamentos disruptivos, e a inadequação ou ausência na comunicação.

A etiologia ainda não é bem definida, mas acredita-se que o autismo é resultado de interações genéticas e ambientais. Estima-se que no cerca de 52 milhões de pessoas no mundo são autistas; e no Brasil, estima-se mais de 10 milhões de pessoas vivem com TEA (Wan *et al.*, 2022).

Como supracitado, um dos sintomas manifestos é o atraso na linguagem, e/ou a ausência na comunicação. De acordo com as estatísticas, cerca de 30% das crianças com TEA são minimamente verbais ou não verbais.

De acordo com Largus e Fernandes (2021), o desenvolvimento da linguagem é um processo crucial durante a infância, pois é a linguagem que proporciona a socialização, bem como aprendizado e o desenvolvimento cognitivo.

Contudo, crianças com TEA apresentam dificuldades para desenvolver e apresentar evoluções nas habilidades linguísticas. Sendo necessário intervir precocemente, objetivando minimizar essas disfunções.

A comunicação em crianças autistas pode ser caracterizada de diversas formas: algumas não desenvolvem as habilidades de comunicação, apresentando ausência total da fala; ou apresentam linguagem pouco desenvolvida, com a presença de ecolalias, jargões, prosódia anormal; e ainda se observa os que desenvolvem a linguagem, mas demonstram dificuldade em estabelecer conversas, caracterizado pela falta de funcionalidade ou reciprocidade social (Guerra, 2020).

Na literatura, verifica-se uma escassez acerca de artigos que falem sobre o desenvolvimento da fala em crianças autistas. Todavia, Pereira *et al* (2020) aponta que a presença de uma comunicação funcional traz benefícios no desenvolvimento e na qualidade de vida, além de gerar independência, autonomia. Favorece também no processo de ensino-aprendizagem, bem como no processo de inclusão social.

3. COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

Como já supramencionado, crianças com TEA podem apresentar déficits na comunicação, logo se faz necessário a busca por novos caminhos para o desenvolvimento sociocomunicativo. Dentre as estratégias de intervenção para o desenvolvimento de uma comunicação funcional de crianças autistas, está a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) (Nunes *et al.*, 2021).

Parafaseando Lacono *et al* (2016), a CAA faz parte de uma área multidisciplinar, que abrange diversas modalidades que substituem ou aumentam a fala e as habilidades de comunicação. A comunicação alternativa e aumentativa consiste na presença de sinais manuais, símbolos gráficos, e dispositivos que gerem a fala, com o objetivo de trocar ou suplementar a fala ausente ou não funcional.

Em concordância com Nunes e Nunes (2007, p. 12),

“O grande mérito da Comunicação Alternativa é o de dar vez e a voz aos indivíduos não oralizados para fazer escolhas e expressar suas necessidades, sentimentos e pensamentos de forma mais transparente. Sua utilização representa uma esperança de que seus interlocutores possam se conscientizar do complexo mundo interno dessas pessoas e assim favorecer sua inserção social e o pleno gozo de seus direitos como cidadãos.” (Nunes; Nunes, 2007, p.12)

Pesquisadores apontam que todos os indivíduos estão suscetíveis a serem considerados possíveis interlocutores e auxiliarem na implementação da CAA. Corroborando Manzini (2013) e Nunes e Schinner (2017), revelam que os interlocutores devem receber e responder as mensagens emitidas pelas crianças através do uso da comunicação alternativa e/ou aumentativa.

Em conformidade, Manzini (2017) evidencia que os parceiros de comunicação devem estar capacitados no uso da CAA, a fim de maximizar e gerar benefícios, bem como aumentar a participação do usuário de CAA na sociedade.

Posterior a isto, a comunicação alternativa e/ou aumentativa deve ser escolhida baseando-se nestas três frentes: 1. Sem tecnologia, ou seja, o único recurso utilizado é o próprio corpo do interlocutor; 2. Baixa tecnologia, que abrange o uso de figuras, pranchas, e álbuns comunicativos; ou 3. Alta tecnologia que consiste no uso de pranchas eletrônicas e vozes digitais (Hanline; Nunes; Worthy, 2007).

Moreschi e Almeida (2012), discutem que a comunicação por meio dos recursos alternativos de comunicação deve ser escolhida segundo a necessidade de ensino-aprendizagem do usuário e de seus parceiros de comunicação; se o recurso será sem tecnologia, baixa ou alta tecnologia, qual metodologia de ensino do uso, bem como o modelo de figuras a serem utilizadas.

Considerando as especificidades acima descritas, existe alguns métodos de Comunicação Alternativa Aumentativa, entre elas:

3.1. PRAGMATIC ORGANIZATION DYNAMIC DISPLAY (PODD)

Segundo Moya (2022), traduzido para o português significa Pranchas Dinâmicas com Organização Pragmática, e consiste em um sistema de comunicação com linguagem robusta.

A prancha possui uma conexão sucessiva entre páginas ou mensagens; além disso, permite que o usuário se expresse, faça comentários e perguntas, realize pedidos, e demonstre o que está errado ou o que deseja. Podendo ser utilizada com alta ou baixa tecnologia, em variados contextos.

3.2. PICTURE EXCHANGE COMMUNICATION SYSTEM (PECS)

No Brasil, o PECS foi adaptado, sendo chamado de Pessoas Engajadas Comunicando Socialmente. Pereira *et al* (2020) descreve como um sistema que ocorre por meio da troca de cartões com figuras, ocorrendo estimulações verbais durante as fases do sistema; a interação com os pares é o principal foco.

Durante a adaptação, Walter (2000) sintetizou o sistema em cinco fases: Fase 1 – aprender a fazer troca; Fase 2 – aumento da espontaneidade; Fase 3 – discriminar figuras; Fase 4 – estruturar sentenças; Fase 5 – ampliar o vocabulário. Vale salientar que não é um sistema de comunicação robusta, levando em consideração que tem como objetivo apenas realizar pedidos e fazer escolhas.

3.3. LIVOX

O Livox consiste em uma comunicação alternativa com uso da Inteligência Artificial, que utiliza algoritmos que interpretam distúrbios motores, cognitivos e visuais, prever e entende o que o usuário deseja ou precisa. Ele fornece uma conversação de texto e imagens em sons, promovendo autonomia e personalização para cada usuário (Livox, 2013).

3.4. DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES DA COMUNICAÇÃO NO AUTISMO (DHACA)

O método descreve as habilidades comunicativas a serem desenvolvidas e quais os objetivos para alcançá-las, possuindo um sistema robusto. Possui duas versões, ambas podem ser de baixa ou alta tecnologia: uma utiliza prancha de comunicação com figuras móveis; e a outra a prancha de comunicação com figuras fixas, chamado de flipbook (Montenegro *et al*, 2021).

Entretanto, Montenegro *et al* (2024), revela que este método é contraindicado para sujeitos com deficiência visual e/ou intelectual, que não apresenta atenção compartilhada, boa coordenação motora, ou que possua alterações na coordenação óculo-manual.

4. A TERAPIA PSICOPEDAGÓGICA E A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

Em consonância com Moura (2019), a prática psicopedagógica consiste em compreender os processos de aprendizagem em seus aspectos cognitivos, emocionais e corporais. O trabalho do psicopedagogo está inserido no desenvolvimento de ensino-aprendizagem

Diante do exposto, Vygotsky (1998) ressalta a importância da interação do indivíduo com o ambiente e seus pares, promovendo melhores meios de ensino-aprendizagem. Além disso, Tetzchner e Martinsen (2000) defendem que a comunicação é essencial para que ocorra interação entre dois ou mais indivíduos, por meio dessa comunicação que é possível compreender e expressar sentimentos e situações, além de compartilhar informações.

Por meio dessas afirmações, observa-se que a aprendizagem depende diretamente da comunicação. Nessa perspectiva, o psicopedagogo deve oferecer caminhos e estratégias para as crianças com TEA terem acesso às linguagens alternativas de forma funcional. Como aponta Von Tezchner (2005), ao afirmar que o ambiente tem a necessidade de oferecer esse suporte.

5. MÉTODO

5.1. DELINEAMENTO

Trata-se de um estudo descritivo, de natureza qualitativa, tendo como classificação um estudo de campo através de um questionário semiestruturado no *Google Forms*.

5.2 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 20 psicopedagogos clínicos que atuam com crianças autistas não verbais, fazendo uso de Comunicação Alternativa (CAA) em seus atendimentos. A amostra ocorreu por meio intencional participando apenas psicopedagogos que atendem clinicamente crianças autistas não verbais.

5.3. INSTRUMENTOS

Foi elaborado um questionário estruturado (Apêndice I), contendo 14 questões objetivas e subjetivas para coleta dos dados, buscando reunir informações acerca das dificuldades e estratégias utilizadas pelos psicopedagogos no uso da comunicação alternativa com aprendentes com TEA não verbais. Ademais, contou ainda com questões sociodemográficas para uma concreta caracterização dos participantes.

5.4. PROCEDIMENTO

O questionário foi disponibilizado na plataforma digital *Google Forms*, por meio do envio do link de acesso aos participantes através do *WhatsApp* e *Instagram*. Ao acessar o questionário, os participantes têm acesso primeiramente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), fundamentados aos preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos despendidos pela Resolução nº 510/16 do CN/MS, e posteriormente, as perguntas relacionadas a pesquisa para os participantes responderem conforme suas vivências.

5.5. ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram examinados segundo a análise categorial temática proposta por Bardin (2016), visando uma análise qualitativa acerca da pesquisa. Bardin constitui sua pesquisa em etapas sistemáticas, pressupondo as seguintes fases:

1. Pré análise: processo de observar o que faz sentido ser analisado e o que ainda falta coletar, dividindo-se em: a) Leitura fluente do material; b) Selecionar documentos coletados para análise; c) Compor o *corpus*; d) Formular hipóteses e objetivos; e) Preparar o material.
2. Exploração do Material: essa etapa se orienta do seguinte modo: a) Codificação: no qual se realiza o recorte das unidades de registro, ou seja, os trechos mais relevantes; b) Enumeração: realizada de acordo com a frequência do aparecimento dos dados; e por fim, a c) Categorização.
3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: esta etapa deve ocorrer a interpretação de dados, por meio da literatura especializada e inferência.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perfil sociodemográfico da amostra

Participaram da pesquisa, 20 psicopedagogos, sendo a maioria do sexo feminino (95%), com idades variando entre 22 e 58 anos, com uma média de 29,9 anos. Dentre os 20 psicopedagogos, 70% são psicopedagogos graduados, e 30% possuem especialização em Psicopedagogia. Todos atendem crianças autistas não verbais e fazem uso da comunicação alternativa durante o atendimento.

Para responder os objetivos da pesquisa foram realizadas 8 perguntas acerca da utilização da CAA nos atendimentos psicopedagógicos clínicos, no formato remoto, as quais podem ser analisadas e discutidas nas colocações a seguir.

Na questão inicial buscou-se compreender quais os tipos de comunicação alternativa mais utilizados. Perguntando, em específico, qual a comunicação alternativa utilizada por aquele psicopedagogo e seu paciente. Observou-se então (tabela 1), que a maioria dos respondentes fazem uso do PECS, outras respostas variavam entre 0 e 5 votos.

Tabela 1. Comunicação Alternativa

Qual comunicação alternativa é utilizada?	F
PECS	18
DHACA	5
OUTROS	3
PODD	1
LIVOX	0

Fonte: dados da pesquisa

Segundo Pereira *et al* (2020), o PECS, conhecido no Brasil como Pessoas Engajadas Comunicando Socialmente, é constituído em um sistema por meio da troca de cartões com figuras, com o objetivo de gerar uma comunicação funcional entre pares, além de melhorar a capacidade comunicativa, bem como o vocabulário do usuário.

Em seguida, identificou-se a prevalência do tipo de tecnologia mais utilizada durante as sessões psicopedagógicas. De acordo com a tabela 2, a maioria das crianças atendidas por estes psicopedagogos fazem uso da comunicação alternativa de baixa tecnologia (85%), ou seja, fazendo uso do material impresso em livro, fichário, prancha, outros.

Tabela 2. Tipo de Comunicação Alternativa

A criança utiliza comunicação alternativa de:	F
Baixa tecnologia	17
Alta tecnologia	3

Fonte: dados da pesquisa

A comunicação alternativa e/ou aumentativa é escolhida segundo três frente já supracitadas; ressalta-se aqui a baixa tecnologia, que consiste no uso de pranchas, figuras e álbuns comunicativos (Hanline; Nunes; Worthy, 2007).

No que tange a capacitação do psicopedagogo para o uso da comunicação alternativa durante o atendimento psicopedagógico clínico, pode-se observar que apenas metade dos psicopedagogos possuem algum curso e/ou capacitação no uso (tabela 3).

Tabela 3. Capacitação para o uso da Comunicação Alternativa

Você fez algum curso/capacitação específico para uso da Comunicação Alternativa?	F
Sim	10
Não	10

Fonte: dados da pesquisa

Nesse contexto, caso o profissional possuísse capacitação buscou-se identificar quais os cursos realizados (Tabela 4).

Tabela 4. Capacitação para o uso da Comunicação Alternativa

Caso sim, quais foram os cursos?	F
PECS	4
Outros cursos	2
Core Power	1
Comunicação alternativa na prática	1
Comunicação alternativa	1
VB-MAPP	1

Fonte: dados da pesquisa

Como afirma Moura (2019), o psicopedagogo deve estar atento a todas as demandas que estão inseridos no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, ao falar sobre o uso da Comunicação Alternativa, Manzini (2017), afirma que os parceiros de comunicação, neste caso, o psicopedagogo clínico, deve estar capacitado no uso da CAA, com o objetivo de aumentar o repertório e trazer benefícios para a participação do usuário na sociedade.

Por conseguinte, frente a utilização deste meio de comunicação, na questão seguinte foi indagado sobre a existência ou não de dificuldades enfrentadas pelos psicopedagogos durante a sessão no que tange ao uso da CAA. De acordo com a tabela 5, metade dos profissionais apontaram sentirem dificuldades durante os atendimentos.

Tabela 5. Dificuldades no uso da Comunicação Alternativa

Você sente alguma dificuldade durante a sessão, na utilização da comunicação alternativa?	F
Sim	10
Não	10

Fontes: dados da pesquisa

Ainda acerca dessas dificuldades, foi imprescindível investigar e compreender quais as mais recorrentes, dentre estas, as principais dificuldades apontadas pelos psicopedagogos consistiram na falta de conhecimento, na compreensão da criança, no baixo engajamento da criança e na comunicação em tempo hábil (tabela 6).

Tabela 6. Dificuldades no uso da Comunicação Alternativa

Caso sim, quais as dificuldades?	F
Baixo engajamento da criança	4
Falta de conhecimento	3
Compreensão da criança	2
Comunicação em tempo hábil	1

Fonte: dados da pesquisa

Guerra (2020), aponta algumas dificuldades enfrentadas pelas crianças autistas, como consecutivamente por seus profissionais quando se fala em comunicação. O autor reforça que apesar do desenvolvimento da linguagem ocorrer, muitas vezes é caracterizado pela falta de funcionalidade ou reciprocidade social, o que se encontra com os resultados da pesquisa (baixo engajamento da criança, bem como a comunicação em tempo hábil, e ainda a compreensão da criança).

As questões finais do questionário de pesquisa buscaram elucidar, de maneira geral, sobre a opinião dos psicopedagogos no uso da comunicação alternativa durante as sessões clínicas psicopedagógicas. Conforme a tabela 7, as principais considerações apontadas pelos

profissionais consistiram acerca dos benefícios da comunicação entre profissional e aprendente, no auxílio no desenvolvimento da aprendizagem, bem como no da autonomia da criança, e relatam ser um instrumento essencial.

Nesse contexto, os 20 participantes concordaram que a comunicação alternativa no uso com autistas não verbais traz benefícios durante a terapia psicopedagógica.

Tabela 7. Considerações dos profissionais sobre a Comunicação Alternativa

Qual sua opinião sobre o uso da comunicação alternativa com autistas Não Verbais durante a terapia psicopedagógica?	F
Benefícios na comunicação entre profissional e aprendente	9
Auxilia no desenvolvimento da aprendizagem	4
Desenvolvimento da autonomia da criança	4
Instrumento essencial	3

Fonte: dados da pesquisa

A fim de concluir o questionário, foi aberto no último momento para os profissionais acrescentarem algo que acham importante; 11 profissionais relataram mais uma vez acerca da importância da capacitação, bem como do trabalho multidisciplinar, incentivo a mais pesquisas na área sob o olhar da psicopedagogia, a adequação da CAA de acordo com as necessidades do paciente, bem como a importância do acesso por todas as crianças que precisam.

Nesse contexto, Pereira *et al* (2020) reverbera que a presença de uma comunicação funcional traz benefícios no desenvolvimento e na qualidade de vida, além de gerar independência, autonomia. Favorecendo também no processo de ensino-aprendizagem, bem como auxilia no processo de inclusão social.

Tabela 8. Outras considerações

Gostaria de acrescentar mais alguma informação a respeito da utilização da comunicação alternativa em crianças não verbais, no contexto clínico?	F
Adequar a CAA as necessidades do aprendente	5
A importância de capacitação na área	2
A importância do trabalho multidisciplinar	2
A importância do acesso a CAA por todas as crianças que precisam	1
Incentivo a mais pesquisas na área sob o olhar da psicopedagogia	1
Nada a acrescentar	9

Fonte: dados da pesquisa

As constatações apontadas anteriormente corroboram com os estudos de Vygotsky (1998), Tetzchner e Martinsen (2000) no sentido de que a interação entre o sujeito com o ambiente e seus pares promove caminhos eficazes de ensino-aprendizagem; além de evidenciar que a comunicação é essencial para que ocorra essa interação, a fim de compreender e expressar, além de compartilhar informações.

A pesquisa em questão evidenciou a importância da capacitação dos profissionais na área, bem como a importância da sua utilização de forma adequada no atendimento psicopedagógico clínico com crianças autistas não verbais, a fim de promover e maximizar o desenvolvimento da aprendizagem, papel este que se refere ao fazer do psicopedagogo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade da realização do presente estudo deu-se devido à importância de investigar como é realizado os atendimentos psicopedagógicos clínicos com crianças autistas não verbais, observando quais os instrumentos e estratégias de comunicação são utilizados entre o psicopedagogo e paciente. Nesta perspectiva, também foi evidenciado na literatura escassez de pesquisas sobre comunicação alternativa e aumentativa no atendimento psicopedagógico.

Partiu-se da premissa de que o uso da comunicação alternativa durante o processo de terapia psicopedagógica clínica com crianças autistas não verbais promoveria uma melhor qualidade ao tratamento, baseando-se no estabelecimento de um meio de comunicação entre o profissional e o paciente.

Ao refletir sobre a temática dessa pesquisa considerou-se relevante fazer um levantamento sobre quais os principais recursos de comunicação alternativa são utilizados durante o atendimento; e evidenciar os impactos descritos pelos profissionais sobre o uso da CA no atendimento.

Apesar dos resultados significativos, algumas limitações foram percebidas ao longo do estudo. Dentre essas, destaca-se a dificuldade em encontrar no meio científico e acadêmico pesquisas que falem sobre a CAA sob a luz da psicopedagogia; profissionais psicopedagogos clínicos que fazem uso em seus atendimentos de algum sistema de comunicação alternativa.

Os resultados revelaram que são necessários investimentos, por parte dos profissionais, em capacitação para a utilização da comunicação alternativa e aumentativa, levando em consideração que a pesquisa deixa claro que os psicopedagogos são parceiros legítimos de comunicação com o público-alvo. Evidenciou a importância de investir em acesso da

comunicação alternativa para todas as crianças que precisam. E acima de tudo, os benefícios oriundos deste uso frente aos atendimentos, trazendo melhorias e resultados significativos no que tange as evoluções clínicas no desenvolvimento destas crianças.

Por fim, conclui-se que a pesquisa conseguiu contribuir para o meio acadêmico por meio da promoção de conhecimento, beneficiar os participantes frente os resultados, incentivar a formação e capacitação acadêmica continuada destes profissionais.

Pode-se constatar que a pesquisa supracitada constitui contribuições para o meio científico e acadêmico, mas ressalta-se a importância de serem realizadas mais pesquisas no meio, sobretudo à luz da psicopedagogia.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil; [1977] 2016.
- BERSCH, R; SCHIRMER, C. Tecnologia assistiva no processo educacional. Ensaios pedagógicos: construindo escolas inclusivas. Brasília: MEC/SEESP, 2005. P. 89-90.
- BOVÉRIO, Maria Aparecida. COMUNICAÇÃO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE: a importância da comunicação para a socialização do homem. Revista Interface Tecnológica 15.1 (2018): 326-337.
- Centers for Disease Control and Prevention (US); Agency for Toxic Substances and Disease Registry (US).
- DE MOURA, Anaísa Alves *et al.* A psicopedagogia e suas estratégias facilitadoras no processo de aprendizagem. Revista on line de Política e Gestão Educacional, p. 479-493, 2019.
- FREITAS, A. B. M. Emunicação e autoria via comunicação alternativa e interlocução mediadora. Revista Brasileira De Linguística Aplicada, 12(1), 165-180, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982012000100009>
- GUERRA, B. T.; ALMEIDA-VERDU, A. C. M.. Ensino de comportamento verbal elementar por exemplares múltiplos em crianças com autismo. Psicologia (Cons Fed Psicol), 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003185295>.
- HANLINE, M.F.; NUNES, D.R.; WORTHY, M.B. Augmentative and alternative communication in the early childhood years. Young Children on the Web, Washington DC, v.1, n.6, p. 1-6, 2007.
- IACONO, T., TREMBATH, D.; ERICKSON, S. The role of augmentative and alternative communication for children with autism: Current status and future trends. Neuropsychiatric Disease and Treatment, 2016. <https://doi.org/10.2147/ndt.s95967>
- LAGUS, S.; FERNANDES, F. D. M. Proposal of a questionnaire to investigate social communication skills of children with typical development and communication disorders. Revista CEFAC, 2021.
- LIVOX. Quem somos. Recife, 2013. Disponível em: <http://www.livox.com.br/pt/>. Acesso em: 30 de junho de 2024.
- MANZINI, M. G. Efeitos de um programa de comunicação alternativa para mães de crianças com paralisia cerebral não verbal. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.
- MANZINI, M. G.. Comunicação alternativa para crianças com paralisia cerebral não verbais: Programa de intervenção para contextos de vida diária (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil, 2017.
- MONTENEGRO, A. C. A.; SILVA, A. G. S.; QUEIROGA, B.; LIMA, R. A.; XAVIER, I. A. L. N. Método de Desenvolvimento das Habilidades de Comunicação no Autismo – DHACA:

validação da aparência e do conteúdo. CoDAS [Internet], 2024. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20232023138pt>

MONTENEGRO A. C. A.; XAVIER, I. A. L. N.; LIMA, R. Autismo comunica: comunicação alternativa promovendo acessibilidade comunicacional. In: Araújo NA, Lucena JA, Studart-Pereira L, editores. Relatos de experiências em Fonoaudiologia. Recife: Editora UFPE, 2021.

MORESCHI, Cândia Lima e ALMEIDA, Maria Amélia. A comunicação alternativa como procedimento de desenvolvimento de habilidades comunicativas. Rev. bras. educ. espec. [online]. 2012, vol.18, n.04. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000400009&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1413-6538. Acesso em: 30 de julho de 2024.

MOYA, A.C.C. *et al.* Comunicação Aumentativa e Alternativa: o que é e como usar?. 1 ed. São Paulo: ComunicaTEA, 2022.

NUNES, D.; BARBOSA, J.; NUNES, L. Comunicação Alternativa para Alunos com Autismo na Escola: uma Revisão da Literatura. Rev bras educ espec, 2021. <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0212>

NUNES, Débora Regina de Paula; BARBOSA, João Paulo da Silva e NUNES, Leila Regina de Paula. Comunicação Alternativa para Alunos com Autismo na Escola: uma Revisão da Literatura. Revista Brasileira de Educação Especial [online], 2021, v. 27. Acesso em: 26 Junho 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0212>.

NUNES, L. R. O. P.; NUNES, D. R. P. Um Breve Histórico da Pesquisa em Comunicação Alternativa na UERJ. In: NUNES, L. R.; PELOSI, M. B.; GOMES, M. R. (Org.). Um Retrato da Comunicação Alternativa no Brasil. Rio de Janeiro: 4 Pontos, 2007.

NUNES, L. R. O. P.; SCHIRMER, C. R. Trilhando juntos a comunicação alternativa. In: DELIBERATO, D.; NUNES, D. R. P.; GONÇALVES, M. J. Trilhando juntos a comunicação alternativa. Marília: ABPEE, 2017. p.63-74

PEREIRA, E. T.; MONTENEGRO, A. C. de A.; ROSAL, A. G. C.; WALTER, C. C. de F. Comunicação alternativa e aumentativa no transtorno do espectro do autismo: impactos na comunicação. Codas, 2020.

RECTOR, M.; TRINTA, A. A comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira. Petrópolis, Vozes, 1985.

RIPPA, José Alexandre de Souza (coord.). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM -5 -TR. 5, texto revisado. Porto Alegre: Artmed Editora LTDA, 2023.

TETZCHNER, S. V.; MARTINSEN, H. Introdução à comunicação aumentativa e alternativa. Porto: Porto Editora, 2000.

VON TETZCHNER, S. Suporte ao desenvolvimento da comunicação suplementar e alternativa. In: DELIBERATO, D.; GONÇALVES, M. J.; MACEDO, E. C. (Org.). Comunicação alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2009. p. 14-27.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALTER, C.C.F. Os efeitos da adaptação do PECS associada ao Currículo Funcional Natural em pessoas com Autismo Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, UFSCar, São Carlos, 2000.

WAN, G.; DENG, F.; JIANG, Z.; SONG, S.; HU, D.; CHEN, L.; WANG, H.; LI, M.; CHEN, G.; YAN, T.; SU, J.; ZHANG, J. FECTS: A Facial Emotion Cognition and Training System for Chinese Children with Autism Spectrum Disorder. Computational intelligence and neuroscience, 2022. <https://doi.org/10.1155/2022/9213526>

APÊNDICES A

O seguinte formulário tem como objetivo coletar informações a respeito da Comunicação Alternativa sendo utilizada no atendimento psicopedagógico clínico com autistas não verbais, por Psicopedagogos graduados e/ou especializados.

Prezado(a) PSICOPEDAGOGO CLÍNICO,

O presente formulário faz parte da pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso da discente de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Thais Victoria Curcino de Abreu, o qual está sendo conduzido sob orientação da Prof.^a Dr.^a Thereza Sophia. A pesquisa tem como objetivo analisar como é realizada a comunicação alternativa entre psicopedagogos clínicos e autistas não verbais durante as terapias psicopedagógicas. Para tal, solicito o preenchimento do formulário, o qual preservará as informações obtidas, assim como o seu anonimato. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Solicitamos a sua colaboração para responder o questionário.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considerem necessário em qualquer etapa da pesquisa. Ao concordar em participar, você estará aceitando compartilhar com a pesquisadora tais informações. Ao finalizar o questionário, você receberá um e-mail automático com as suas respostas. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

Responsável:

Thais Victoria Curcino de Abreu
(thaisvictoria03@gmail.com)

Você aceita participar desta pesquisa?

- Sim, concordo em participar da pesquisa.
 Não concordo.

1. Qual a sua formação em psicopedagogia?

- Graduação
 Especialização

2. Sexo:

- Feminino

- Masculino

3. Qual a sua idade?

4. Há quanto tempo você possui formação em psicopedagogia?

5. Você atende crianças com Autismo que sejam não verbais?

6. Você utiliza Comunicação Alternativa com elas?

- Sim

- Não

7. Qual comunicação alternativa é utilizada?

- PODD

- PECS

- LIVROZ

- DHACA

- OUTROS

8. A criança utiliza comunicação alternativa de:

- Alta tecnologia (digital - Tablet, Smartphone)

- Baixa tecnologia (impresso - livro, prancha, fichário, etc)

9. Você fez algum curso/capacitação específico para o uso da Comunicação Alternativa?

- Sim

- Não

10. Caso sim, quais foram os cursos?

11. Você sente alguma dificuldade durante a sessão, na utilização da comunicação alternativa?

- Sim

- Não

12. Caso sim, quais as dificuldades?

13. Qual a sua opinião sobre o uso da comunicação alternativa com autistas não verbais durante a terapia psicopedagógica?

14. Gostaria de acrescentar mais alguma informação a respeito da utilização da comunicação alternativa em crianças não verbais, no contexto clínico?

AGRADECIMENTOS

“É justo que muito custe o que muito vale”

Santa Teresa D'Ávila

Primeiramente á Deus que me mostrou a Sua vontade diante da minha vida, que me ensinou a amar e encontrar a Sua graça diante do ordinário do dia a dia. Me elegeu, e por isso: eis-me aqui, Jesus, Tu me chamaste.

Nossa Senhora, medianeira de todas as graças, obrigada por ter sido meu suporte e aconchego durante esse tempo de vida acadêmica, e sobretudo na escrita desse TCC. A cada terço rezado e jaculatória pedindo ajuda, me mostrastes que não estava sozinha.

A Santa Teresinha, Beato Carlo Acutis, Santa Teresa Dávila, obrigada por terem sido meus intercessores e amigos do céu nesta terra, por me mostrarem ser possível.

Aos meus pais, Horacilio e Auriceia, este trabalho pertence a vocês. Pai, você me ensinou a ser a melhor profissional, a ser forte e a lutar por todos meus sonhos, me ensinou a não parar, mas a alçar voos cada vez mais altos. Mãe, a senhora é o meu cais e o meu abrigo, obrigada por ter sido minha fortaleza diante as incertezas, por cada joelho dobrado e preces feitas. Patrões, obrigada por lutarem por minha vida e por me verem voar hoje.

Deise (“Dedeise”), obrigada por ser a melhor irmã e madrinha, por ser meu alicerce e por acreditar em mim e nos meus sonhos, você me ensinou sobre força e resiliência, e sempre será eu por você e você por mim. Sua irmãzinha cresceu e está se formando.

Dedico este trabalho a Safira, a criança mais amorosa que eu conheço. Você me apresentou a CAA, e me deu motivos para lutar por isso, você é a verdadeira musa inspiração disso. A nossa comunicação ultrapassa qualquer linguagem oral, obrigada por me entender mesmo sendo tão pequena. “Minha patroinha”, seu olhar e seu abraço são meus combustíveis diários. E a seus pais, obrigada por acreditarem no meu profissionalismo e me abrirem as portas.

A minha orientadora, Thereza Sophia, meu muito obrigada por toda orientação desse TCC, e da vida. Obrigada por acreditar em mim e na minha capacidade quando eu só fazia chorar, obrigada por toda paciência, correções e conselhos. Vi na senhora a verdadeira ética de um profissional, o amor e a empatia humana. A senhora é parte essencial deste trabalho.

A minha banca examinadora, Amanda Trajano, obrigada por aceitar corrigir este trabalho. Durante a academia, a senhora me ensinou a sonhar, a crescer e a lutar. Marcou minha

trajetória acadêmica, e tenha certeza de que seus ensinamentos levarei para a minha vida profissional.

Agradeço também a professora Munique Massaro, por plantar a sementinha da inclusão, e da CAA em meu coração.

Ao meu grupo (FFA), Amanda, Duda, Kethelyn e Roberta, sou grata por Deus ter traçado nossos caminhos e histórias, e por juntas, vencermos essa etapa. Obrigada por cada risada, lágrima, vocês fizeram essa trajetória ser mais leve. Amo vocês, e não seria o mesmo sem vocês. The end! Kit kat, minha dupla dinâmica da UFPB e da vida, você foi minha força e meu colo, eu desejo que você voe cada vez mais longe, obrigada por tudo e por tanto!

Expresso também os meus agradecimentos a todos que me ajudaram nessa trajetória, a Bea por me fazer acreditar em mim e dividir nossos dias, a Gabi por ter me acolhido e me mostrado que eu conseguia. A Ketlin, por ser calma e a palavra tranquila. A Pati, por durante esses meses ter arrancado sorrisos meus. A Bel e Ilka por todas as risadas. E a Juliette, por me ensinar a dar o meu melhor, mas também a descansar. A Sarah, Amanda e Laís, por mesmo a distância, me ouvirem e me acolherem.

Por fim, agradeço ao meu melhor amigo e amor, por ter sido minha rocha e suporte durante esse processo, por aguentar minhas crises e medos sobre minha capacidade. Você me ensinou a sonhar, a lutar, mas também a manter os pés firmados no chão. Me deu propósito e sopro de vida. Sem você, nada disso seria possível! Obrigada por acreditar em mim e me fazer ir além. Você coloriu meus dias. Eu o amo, João.

Que a Psicopedagogia me ensine a ver pessoas, mas acima de tudo, a tocar almas. Que o meu fazer seja para o Reino, e que tudo seja por Ele, com Ele e para Ele. Chego ao fim com o coração transbordando em gratidão ao ver minha trajetória, e ao ver meu reflexo em cada detalhe deste trabalho.

Em suma, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a construção e conclusão desse trabalho. Muito obrigada!